



Declaração da Marcha Mundial das Mulheres 8 de março de 2026

Nós, da Marcha Mundial das Mulheres (MMM), continuamos nossa luta feminista para transformar o mundo com mais força do que nunca, neste ano de nosso 28º aniversário, e especialmente no Dia Internacional das Mulheres, em 8 de março de 2026.

O sistema capitalista patriarcal, racista e colonialista continua a buscar a acumulação por meio da guerra e da militarização. Isso fica ainda mais evidente neste 8 de março: somos testemunhas e vivenciamos a agressão e a intervenção militar no Oriente Médio, no Irã e na Venezuela; a intensificação de medidas coercitivas ilegítimas, como o bloqueio energético em Cuba; conflitos prolongados na África, na Ásia e na Oceania; o cruel genocídio contra o povo palestino; e a ocupação do Saara Ocidental. Esse contexto nos impulsiona, como feministas populares internacionalistas, à vanguarda do movimento pela paz verdadeira e pelo reconhecimento da soberania popular e do direito de todos os povos de viver em seus territórios. Nos mobiliza contra o necrocapitalismo e em defesa da vida.

A guerra sempre foi a manifestação mais brutal do modelo patriarcal de acumulação, e mulheres ao redor do mundo estão construindo alternativas pacifistas e feministas centradas na sustentabilidade da vida. Nós, mulheres, nos opomos a todas as guerras e sabemos que jamais poderemos ser livres em terras afetadas por ocupação, intervenção, bloqueios ou ameaças.

Mais uma vez, os ataques dos Estados Unidos e de Israel ao Irã são justificados sob o pretexto de "libertar as mulheres" — um discurso familiar, frequentemente utilizado na tentativa de apresentar a guerra como um ato humanitário. Condenamos a hipocrisia que sustenta esse projeto. No Irã, na semana passada, centenas de estudantes foram assassinadas durante o horário escolar e ativistas mulheres foram assassinadas, enquanto mulheres na Palestina e em Cuba se esforçam para sustentar a vida em suas comunidades.

A liberdade e a democracia não podem ser alcançadas por meio de "operações de combate em grande escala" e de intervenção imperialista. Reafirmamos nosso compromisso de resistir às múltiplas formas de fundamentalismo que cerceiam as liberdades de homens e mulheres. Nos opomos a intervenções imperialistas, ocupações, presença militar estrangeira e à imposição de bloqueios e sanções políticas e econômicas.

Condenamos os atos sionistas e imperialistas que perpetuam o genocídio em Gaza, a intervenção neocolonialista na Venezuela, os ataques imperialistas ao Irã, o bloqueio energético a Cuba, a militarização do Caribe, os conflitos financiados por interesses corporativos na África, a ocupação do Saara Ocidental e a prática do terrorismo tarifário. Estamos convictas de que nenhuma intervenção militar pode trazer paz real e duradoura. A liberdade e a paz só virão por meio de nossas lutas feministas populares, do reconhecimento da soberania popular e da autodeterminação dos povos.

O governo Trump continua a ameaçar abertamente o povo iraniano com a morte certa caso ouse resistir. Em um mundo que está passando de uma ordem baseada em regras para uma ordem baseada no poder, a ameaça global do poder militar dos Estados Unidos coloca em perigo a vida em todo o planeta. A OTAN, organização militar imperialista, está incentivando uma corrida armamentista em





todo o mundo e abrindo caminho para intervenções militares.

As políticas neofascistas de governos opressores assumem diferentes formas. Em todo o mundo, os governos recorrem cada vez mais a mecanismos legais e institucionais para criminalizar os movimentos sociais e os defensores e defensoras de direitos humanos, atacando as lutas pela justiça de gênero, pela autonomia corporal e pelas liberdades fundamentais.

A atual situação política na África é marcada por lutas contínuas contra o legado persistente do colonialismo, do extrativismo e da intervenção imperialista. As potências mundiais continuam a tratar o continente como um quintal para extração de recursos e competição geopolítica. Do Sudão à República Democrática do Congo e ao Saara Ocidental, os conflitos alimentados pelo extrativismo, pela interferência estrangeira e pela militarização devastam comunidades e solapam a soberania. As comunidades, e especialmente as mulheres, são as mais afetadas pela espoliação, pela repressão e pela erosão dos valores democráticos por parte dos Estados, mas os movimentos feministas e de base estão se erguendo para exigir soberania, justiça e libertação coletiva. É igualmente crucial reconhecer a crise humanitária provocada pelas mudanças climáticas, com enchentes, secas e deslocamentos agravando as desigualdades e colocando as mulheres em situações de múltipla vulnerabilidade. A Marcha Mundial das Mulheres reafirma sua solidariedade com a luta anticolonial das mulheres saharauis pelo direito à autodeterminação, à justiça, à dignidade e à liberdade, com as lutas das mulheres sudanesas e com todos os movimentos africanos: a África não é um quintal de extração, mas um lugar de resistência, dignidade e poder transformador.

Enquanto isso, a importância geopolítica da Ásia e da Oceania cresce rapidamente, acompanhada de uma perigosa escalada da militarização e da corrida armamentista em toda a região. A ascensão de governos fascistas e fundamentalistas em países como Índia e Japão está agravando as tensões existentes e contribuindo para uma atmosfera de insegurança permanente, tanto regional quanto globalmente. As alianças militares e o crescente aumento dos gastos com defesa alimentam a instabilidade e desviam recursos das necessidades da população, reforçando ainda mais a economia de guerra.

Extraímos força de nossas alternativas feministas. Acreditamos que não pode haver paz sob opressão sistêmica. A natureza destrutiva do capitalismo patriarcal, colonial e racista jamais satisfará nossas exigências por paz. Continuaremos a defender o bem viver em resposta à crise climática e ambiental multifatorial que está sendo agravada pela economia de guerra. Continuaremos a combater o aparato opressor do neofascismo e a perseguir nossa luta pela soberania popular e pela justiça verdadeira. Neste 8 de março, honraremos e amplificaremos a luta de nossa irmã Yanar Mohammed, assassinada no Iraque esta semana. Convocamos ao desmantelamento do patriarcado. Afirmamos que a paz só pode ser alcançada por meio de transformações lideradas por mulheres feministas conscientes de sua força coletiva.

Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

Marcha Mundial das Mulheres